



VERGÍLIO FERREIRA: O PERFIL CLÁSSICO

Vergílio Ferreira é daqueles escritores que não precisam de apresentação. Autor de uma obra já vasta, desde cedo se afirmou de uma forma indiscutível no panorama cultural português. Falar aqui no "panorama cultural português" não é lugar comum ou uma flor de estilo mais ou menos veneranda e obrigada para com o Escritor; é, simplesmente, a constatação a que todos — mesmo os mais míopes ou distraídos por razões várias de in-cultura vesgamente comprometida — chegamos obrigatoriamente.

Poderíamos, nestas linhas, falar de Vergílio Ferreira romancista. Do seu romance de existência, do popularismo e da profundidade filosófica, do cenário beirão ou do enquadramento urbano; do triângulo amoroso, da partida, da solidão, da montanha como refúgio... Poderíamos comparar o estilo de *Cântico Final* (1960) com o de *Rápida, a Sombra* (1974) ou a estrutura de *Aparição* (1959) com a de *Estrela Polar* (1962) ou a de *Nítido Nulo* (1971). Poderíamos também falar da mulher — a mulher-símbolo, a mulher-procurada, a mulher-desejada, a mulher-desertada, a mulher-possuída, a mulher-reencontrada, a mulher-realidade, a mulher-imaginada,... — falar de Berta, de Elsa, de So-

fia, de Vanda ou de Águeda, de Hélia ou de Helena ou de qualquer outra das personagens femininas da sua ficção. Tudo a obra do romancista Vergílio Ferreira permitiria.

Poderíamos escolher a pesquisa de fontes e de influências — Camus, Malraux, Sartre... — e o modo de assimilação, de concretização em cada caso. Ou a psicologia das personagens, a mundovisão do autor ou a análise do estilo (e como conciliar o afirmado para *Mudança* (1949) ou *Manhã Submersa* (1954) com o constatado em *Nítido Nulo* ou *Alegria Breve* (1965) ou *Signo Sinal* (1979 ?)... Falar do diário *Conta-Corrente* publicado há pouco?

A vida do escritor? A manutenção do mito romântico ou curiosidade ocasional? Mas se, em entrevista, noutro lugar, Vergílio Ferreira já se apresentou: "Nasci em Melo, na Serra da Estrela, a 28 de Janeiro de 1916. Aos três anos os meus pais emigraram para os Estados Unidos e fiquei entregue, com mais dois irmãos, a duas tias e avós maternas. Aos dez anos entrei num seminário, donde saí em plena adolescência. Formei-me em Coimbra e sou actualmente professor de liceu. Na província em que nasci, aprendi a sensibilidade que tenho. Mesmo o Alentejo (e vivi lá 14 anos) só afinal o entendi como um eco da Beira. Porque a planície e a montanha falam a mesma voz primordial. Espaço, origens, vento, neve, solidão, e a cor escura do granito e dos pinhais, e a cor escura das gentes, e a sua presença espectral, e a trágica rudeza, e o silêncio de tudo, e a própria alegria furtiva quando é a hora das concessões para isso, e o signo da eternidade que a tudo marca, e o halo genesíaco que a tudo envolve — são inexoravelmente os sinais com que me entendi através da terra em que me criei."

Vergílio Ferreira é também o ensaísta, ambiguidade linguística que abarca *Da Fenomenologia a Sartre* (1962) e *Espaço invisível* (1965, 1976 e 1977), *André Malraux — Interrogação ao Destino* (1963) e *Invocação ao meu corpo* (1969) — e, neste campo, poderíamos discorrer sobre o pensamento de Vergílio Ferreira. O Ser e o Mundo ou, porque não, o Humanismo — ou o Existencialismo — de Vergílio Ferreira.

E os artigos dispersos por jornais e revistas? A actualidade política, social e cultural, o comentário oportuno, a crítica acerbadada, o desassombro de quem não tem medo e sabe o que quer e o que diz...

Quando *Classica* pensou em Vergílio Ferreira, pensou, certa —

mente, em tudo isto, no peso cultural que o seu nome e a sua obra têm, na sua importância na cultura portuguesa, no seu lugar na Arte. Mas o ponto de partida da conversa que a seguir se transcreve foi o pedagogo — o Vergílio Ferreira professor de Liceu — professor de Latim —, aquela obra a que as bibliografias raramente dão realce. Depois, a simpatia e a cultura do Homem facilitaram a tarefa e surgiu a conversa fácil e a temática espontânea. Então, a conversa informal já está transformada em entrevista.

Acompanharam-nos nesta visita o director da *Clássica*, Professor Dr. Aires Nascimento (A.N.) e o Dr. Helder Godinho (H.G.), Assistente da Universidade Nova de Lisboa e estudioso da obra de Vergílio Ferreira, sobre a qual prepara tese de doutoramento.

VICTOR JABOUILLE

- V.J. — *Sendo a Clássica uma revista editada pelo Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, é natural que esteja vocacionada para a problemática dos Estudos Clássicos em Portugal. Por isso, esta conversa vai incidir fundamentalmente sobre tal problemática em Vergílio Ferreira — Vergílio Ferreira escritor e Vergílio Ferreira pedagogo.*

Quando se lê a obra de Vergílio Ferreira, são imediatamente visíveis traços de um fundo clássico ou classicista — nomes, pequenas "histórias", citações (no início das obras), situações (o professor de Latim...), alusões, referências, etc. — Mas, a existir, a influência clássica na sua obra será apenas exterior e pontual?

- V.F. — *Uma resposta a essa pergunta, como imagina, é sempre difícil. É a mesma coisa que perguntar, por exemplo, que influência teve na minha formação o ambiente em que me criei, etc. Normalmente, uma educação, um ambiente, uma formação cultural actua, digamos, lentamente, impregna-nos lentamente, passa à nossa maneira de ser sem darmos conta. De modo que saber até*

que ponto a educação clássica que eu tive — bom, educação clássica é talvez um pouco excessivo; enfim, os conhecimentos clássicos que eu tive, muito cedo, nomeadamente de Latim —, em que medida é que isso me influenciou na minha maneira de ser cultural, só até certo ponto o posso julgar exteriormente, digamos posteriormente, procedendo a uma espécie de separação de mim e vendo-me de fora, observando-me praticamente como os outros. Portanto, não sei em que medida a influência clássica actuou sobre mim, mas é evidente que teve de actuar com certeza. Essas coisas não são *gratuitas*. Nós somos... Como dizia o Ortega e Gasset, "eu sou a minha circunstância"; eu posso dizer "eu sou eu e tudo aquilo que me formou", a educação que tive, etc. Portanto, o Latim — falo do Latim porque o Latim foi, fundamentalmente, a língua clássica que estudei desde miúdo, desde os dez anos, pois o Grego só o comecei a estudar na Faculdade — portanto o Latim — e já vamos ver como eu, separando-me de mim, posso até certo ponto ajuizar — e a cultura clássica não foram um elemento exterior apenas de adorno para futuras epígrafes nos meus livros...

Posso depois adiantar-lhe também até que ponto a releitura desses clássicos ainda hoje me interessa. Portanto, em que é que essa cultura clássica me terá influenciado, terá entrado na minha maneira de ser cultural? Eu suponho que fundamentalmente num certo gosto de rigor, numa certa linearidade que eu procuro — é claro que estou sempre falando de fora de mim, como que regressando àquilo que escrevi como se não fosse meu —, uma certa linearidade, dizia, uma maneira de fazer o precurso e até uma certa maneira de ser sintético, mesmo quando escrevo do modo que costumo chamar "torneira aberta". Porque eu tenho, talvez, duas maneiras de escrever: uma é aquela que se preocupa com a palavra até à sílaba — é um pouco excessivo dizer-se isto, mas é rigoroso; porque muitas vezes eu, e certamente os outros, excluo uma palavra que tem uma sílaba a mais, que me quebrou o ritmo porque me quebrou a contenção, a medida, etc. Mas, dizia eu, tenho duas formas de escrever: uma, que é essa mais rigorosa, que pesa a palavra em cada sílaba; e

outra, que costumo chamar de "torneira aberta", isto é, aquela escrita expansiva, que se dilata livremente... Todavia, nessa mesma escrita — que eu uso, por exemplo, em certos ensaios, nomeadamente na *Invocação ao meu corpo* (há outros ensaios em que gosto mais de "apertar"...) —, mesmo nessa escrita expansiva, a tal de "torneira aberta", um período, mesmo longo que seja, de certo modo eu penso-o*segmentado em várias parcelas**é, ou procura ser, rigorosa. De modo que a mesma contenção, o mesmo rigor, a mesma linearidade, eu a sinto ou, pelo menos, a procuro nesses períodos longos, mais fluentes. De resto, como sabe, no próprio Latim nós podemos encontrar dois tipos de escrita. Há uma distância grande entre um Salústio (ou mesmo um Tácito) e um Cícero (ou um Tito Lívio), por exemplo. E na poesia ainda é maior a diferença entre um Horácio e um Ovídio, por exemplo também. Dentro das letras clássicas, não há só um tipo de escrita clássica.

Mas a cultura clássica interessa-me também, e para além deste aspecto formal que possivelmente me deve ter orientado — digo sempre "possivelmente" porque não sei —, a cultura clássica interessa-me ainda muito por outra razão.

Eu dou comigo muitas vezes a retomar um autor clássico e a lê-lo. Gosto muito de ler Latim e gosto muito de ler Latim por várias razões. Não é fundamentalmente para encontrar coisas novas, porque mais ou menos já conheço os textos, mas é, como dizer?, para uma espécie de ginástica mental que me é agradável. Usando uma expressão um pouco degradante talvez para este caso, eu devo dizer que é tão agradável como jogar xadrez — aliás, para mim é mais agradável do que jogar xadrez porque não gosto muito de jogar xadrez. Porque a leitura obriga-me a desorganizar toda a mecânica da sequência da ideia. Como todos sabemos, nós temos uma sequência determinada e a atenção incide na palavra latina sobre a sua terminação. Encontra-se um acusativo, que ficou em suspenso porque intrometeu uma outra palavra em genitivo ou dativo, e vou procurar mais à frente uma terceira relacionada com a primeira. Portanto, isto joga, obriga a uma mecânica e, derivadamente,

* e imagino-o

** e cada uma dessas parcelas

a um rigor, porque existe mais atenção, uma construção mais rigorosa do que a influência da nossa língua.

Um outro aspecto que também me interessa muito, hoje ainda, é reler autores que me agradaram particularmente, por encontrar neles, ou reencontrar (muitas vezes já os esqueci...) tantas coisas que passam hoje por novas e que há muito estão ditas. Uma frase, por exemplo, que eu costumo citar: "o riso é incompatível com a emoção". Isto foi uma frase lançada por Bergson em *O Riso*. Está em Cícero. O Brito Camacho: "prefiro perder um amigo a perder uma boa piada". Está em Quintiliano. Ou a ilusão da facilidade a qual dá muito trabalho; o valor conotativo das palavras; os meninos precoces que quase nunca vêm a dar nada mais tarde; o cómico "gratuito" de certas palavras (como em português a palavra "careca"); o dizer-se que o mais fácil de imitar num autor é o seu pior — tudo isto está também em Quintiliano. Etc, etc.

Quero dizer: é agradável nós verificarmos como em muitos aspectos — para não falar em coisas mais importantes como a distinção entre verso e poesia, que encontramos já em Aristóteles, outra vez em Quintiliano e em Horácio, é muito agradável encontrar nos antigos de certo modo, uma aliança com a nossa maneira de ser e de pensar.

Devo dizer, aliás, a propósito ainda, que me interessa muito mais hoje ler nos autores clássicos, digamos, os teorizadores do que propriamente os artistas. Quero dizer concretamente, que os discursos de Cícero, sinceramente não me interessa muito lê-los; o que me interessa é o *De Oratore*, o *Brutus*, o *Orator* ou Quintiliano, mais uma vez, porque me obrigam a retomar muita problemática desse tempo, sobretudo em relação a aspectos de teorização que muito me interessam ainda hoje.

— V.J. — Isso vem ao encontro daquilo que eu pensava. Sinto que na sua maneira de escrever há muito de Latim. Até certa altura acompanhei a obra quase cronologicamente, ia lendo conforme foi sendo editada e senti, a partir de determinado momento,

que houve uma mudança em que o latim estava presente na própria estrutura da frase, na maneira de apresentar o pensamento.

- V.F. — Sim. Devo dizer também outra coisa. Muitas vezes, a defesa do Latim é feita com argumentos menos válidos. Um deles, que foi vulgar em certo tempo, é o de que sem latim não sabemos português, ou de que ele é um fundamento para o domínio da nossa língua. O latim e os clássicos muitas vezes são invocados para uma escrita "correcta". Não me interessa particularmente isso. Invoquemos um exemplo ilustre, o de Picasso. Picasso era capaz de desenhar qualquer coisa, um objecto, uma pessoa, de uma maneira clássica, rigorosa; mas era capaz de deformar uma imagem que, apesar de tudo, ficava parecida.

Para mim, a cultura clássica não é um fim, é um meio. Agrade-me muito partir daí não para realizar uma escrita dita "clássica", como nós dizemos de certos escritores do nosso tempo (como Salazar). Não; a cultura clássica entra como elemento formativo e no que diz respeito propriamente à escrita, não é um objectivo que eu queira alcançar, mas, sim, um meio para melhor a conseguir. Mas quanto à distorção: agrade-me particularmente (ou agradeu-me até há pouco tempo) uma certa distorção sintáctica (e lembrei a propósito o exemplo de Picasso), mesmo uma certa incorrecção gramatical da frase que me permitisse uma imagem real, que permitisse apesar disso traduzir aquilo que pretendia dizer.

- V.J. — Quando se fala de autores que influíram no seu pensamento, fala-se muito em Sartre, umas vezes em Malraux; não se fala nos estóicos, nem nos epicuristas. Acha que não há razão para falar neles?

- V.F. — Os epicuristas talvez mais, mas é um encontro e não propriamente uma influência. É possível que eu tenha lá chegado, mas não terei partido de lá. No ponto de vista filosófi

co é literário), partimos normalmente dos nossos contemporâneos. São esses que encontramos na nossa frente, são esses que nós encontramos na nossa juventude. É conhecido, é como que um princípio ou uma lei, mesmo, que todo o artista começa por outro. Ramalho Ortigão, por exemplo, começou pelas *Via gens na Minha Terra*. Todos nós começamos por alguém. Quanto a mim, comecei por Eça, por ser aquele que primeiro encontrei na minha juventude; e depois os franceses, Malraux, Sartre, Camus, etc. Quanto ao epicurismo ou hedonismo, foi de certo modo um ponto de chegada. Sei lá se não andarã nisso também um pouco da "luz mediterrânica" de um Camus... Devo dizer-lhe, a propósito, que Horácio nunca foi um poeta das minhas predilecções. Contudo, há pouco vim a descobrir com certa surpresa que estava a ler Horácio com gosto. No fundo, não há nele bem o elogio do prazer da "vinhaça", etc. mas outra coisa: uma certa melancolia, uma certa resignação. No fundo, o *carpe diem* é um acto de resignação, um prazer que tem a ver não com um arranque de juventude, mas com uma limitação do fim. Poeta que sempre me interessou e continua a interessar é Vergílio, um homem que praticamente criou a sensibilidade do nosso Ocidente com coisas pequenas que nunca mais se esquecem, como um fumo que se levanta lá ao longe, o *frigus opacum*, as *raucae columbae*...

Vergílio é um poeta cristão "avant la lettre", um pouco estranho no meio de todo aquele mundo romano. Horácio... Não é por acaso que o século XVIII o elege como um mestre. Mas o século XVIII é um Neo-classicismo de papelão. O seu encontro tão intenso com Horácio dá-se porque nele havia uma ameaça de ser também um pedaço de papelão. Era o que eu sentia. Ora não é bem assim, hoje sinto que não é bem assim: é um poeta sério, grave, profundamente humano.

— V.J. — Quando leio a sua obra de ficção noto que se mantem uma influência clássica subjacente... os nomes, os mitos... e, na guns casos, um simbolismo mais profundo como Deucalião e Pirra ou, por exemplo, o trio amoroso que aparece numa série de

romances. Não posso deixar de ver nele uma certa semelhança com Hefesto, Afrodite, Ares. Será só a minha visão deturpada ou um novo reencontro?

— V.F. — É possível. Como há pouco disse, todas essas coisas ficam depositadas na memória. Não sei se já lhes aconteceu, como a mim, ter uma frase que eu julguei que conquistei e que afinal venho a encontrar no autor *a* ou *b*. Quer dizer, a frase entrou, eu gostei, ficou cá dentro, e depois eu fui à procura de uma frase e veio essa na rede e eu nem sei porque é que não é minha. Portanto, tudo isso é possível, — é possível que isso tenha ficado depositado, mas trata-se sem dúvida de um encontro, ou de um reencontro casual e não propriamente de uma procura deliberada.

— H.G. — *Existem referências concretas ao mito de Teseu e a outros mitos. Há uma parte que é efectivamente desejada. Esse aspecto de Hefesto, chamando-lhe a atenção para isso, não lhe diz nada?*

— V.F. — Não. Uma vez que levantou a lebre, eu podia discorrer sobre isso, mas acho que estava a falsificar a coisa, estava a desejar esse encontro como se fosse deliberado e não o foi. Quando falo em Deucalião e Pirra, isso sim, isso é consciente. De resto, os mitos, quando são conscientes, correm o risco de serem mais artificiais.

O melhor disto é a coisa ser inconsciente porque vem desde o sangue, vem de dentro de nós. Deucalião e Pirra, sem dúvida, como a lira de Anfião, pensei nisso. São coisas que deliberadamente utilizei e conscientemente empreguei. Os casos que refere, não.

— V.J. — *Justifico a minha suposição pela imagem que o Hefesto tem, a personagem amorosa que é traída e continua a ser simpática; há uma certa ingenuidade. Fisicamente, até, é o único deus disforme. Há todo um jogo que o leva a ser simpático.*

para os gregos, o que não se passa com Ares, que é o conquistador e é altamente antipático. Isso já na mitologia latina é um pouco atenuado. Há uma série de tróicos amorosos que dão a sensação de haver uma certa simpatia por uma personagem. A mulher tem ali um papel praticamente de vítima, e a outra personagem masculina assume tal aspecto desagradável até porque goza de aparência diferente.

Rilou no Vergílio e no Horácio e no interesse que volta a ter por esses poetas...

— V.F. — Interesse por Vergílio tive-o sempre. Quanto a Horácio é que houve em parte uma recuperação que não consigo com outros. Ovídio, por exemplo, li-o. É agradável mas não me entusiasma. Gosto das elegias dele, do alto valor "psicológico" da *Ars Amatoria*, mas o resto, de um modo geral, não me entusiasma muito.

— V.J. — Mas a descoberta desses autores pode ajudar em alguma coisa as Humanidades em Portugal? Explicite melhor a ideia. Nós, ligados às coisas clássicas, debatemo-nos com uma série de problemas, o principal dos quais é a nossa justificação dentro de um contexto político, económico, cultural, em Portugal do século XX, em que defendemos e pretendemos encontrar certos padrões culturais, transpô-los e mostrá-los ao nosso mundo.

— V.F. — Eu vou-lhe ser franco. É uma questão que naturalmente muitas vezes me puseram, essa de sabermos, e em termos genéricos, qual a validade, qual o grau de justificação dos estudos clássicos em Portugal. Tem sido uma questão polémica desde longa data. Eu recorro que António Sérgio era contra os estudos clássicos e, salvo erro (e faço a reserva porque seria um grande erro que ele teria cometido), ele teria dito que não há interesse nenhum nisso, pois temos boas traduções e com a tradução nós temos tudo resolvido, etc. Sejam francos: os estudos clás-

sicos são, digamos, um luxo — como qualquer arte, aliás, é um luxo, é certo. Um luxo, isto é, qualquer coisa de excessivo para aquilo que agora, no campo cultural, é imediatamente necessário. Para mim o problema põe-se assim: se eu não tivesse estudado latim e grego, sentir-me-ia coxo, culturalmente muito mutilado. É um facto. Porque aquilo que eu pude obter autodidacticamente no conhecimento da filosofia, mesmo no da literatura, obviamente, até mesmo sobre o que se passa no mundo da ciência, na física, na biologia, tudo isso foi-me possível realizá-lo. Mas como é que era possível realizar-me hoje num domínio da cultura clássica senão apenas através das traduções?

Era impossível. Não era hoje que ia aprender latim e grego. Portanto, pelo que me diz respeito, relativamente à cultura clássica, estou muito satisfeito por saber ler um pouco de latim e de grego. Isso agrada-me muito. Mas não é em termos pessoais que eu ponho o problema. Se o problema se pusesse só em termos pessoais, eu diria que se deve estudar latim porque sei por mim quanto é útil. Em termos gerais, o problema põe-se-me assim: num país rico e de grande população, numa França, numa Inglaterra, numa Alemanha, mesmo numa Rússia (onde parece que os estudos clássicos são intensamente cultivados), aí não há problema porque se pode facilmente dispor de toda uma zona populacional, de toda uma fracção da sua economia, para realizar esses cursos clássicos; em Portugal, não sei.

Agora repare. Eu estou a falar no meu tempo. Se a pergunta me fosse feita em relação ao século XVIII ou XIX eu não teria dúvida nenhuma; os estudos clássicos são absolutamente elementares. Hoje o problema (eu estou sempre falando de um modo teórico, eu não sei bem) põe-se assim: dada a massa grande de cultura que naturalmente hoje nos vai interessando, em que medida é que o tempo e todas as outras disponibilidades de que nós nos servimos para realizar uma cultura clássica não vão afectar aquilo que se poderia julgar mais indispensável para uma cultura que, de um modo geral,

interesse um maior número de pessoas? Para isto não tenho resposta; não sei. Insisto que não estou falando em nome pessoal, pois comecei por dizer que pessoalmente me sentiria profundamente mutilado se não tivesse tido uma cultura clássica. Portanto, o problema põe-se assim: nós dispomos de um leque, de uma gama de conhecimentos que julgamos interessantes ou necessários a uma formação cultural; em que medida se terá de sacrificar este sector ou aquele outro? em que medida a formação clássica, o conhecimento das línguas clássicas não vão prejudicar outros conhecimentos julgados mais necessários? Não sei. Porque repare no seguinte: Os estudos clássicos, pelo menos na sua base, no seu começo, assentam fundamentalmente no conhecimento das línguas. Ora, como sabemos, isso exige uma longa e intensa aprendizagem, o que é extremamente difícil. Quando falo em estudos clássicos penso sobretudo na aprendizagem das línguas respectivas, não propriamente no conhecimento daquilo que é transmitido por essas línguas a começar pela filosofia, (Platão, etc.) pois isso faz parte da cultura geral...

Ora o estudo da língua (eu próprio pude verificá-lo ao longo da minha experiência e eu próprio colaborei nisso, pois não podia fazer de outra maneira) é extremamente penoso para os alunos e de efeitos muito problemáticos. E, na maior parte dos casos, praticamente de efeitos nulos. Quando era professor, lembro-me de insistir muito com os alunos nisto: "vocês estão aqui a gastar o vosso tempo, a vosso paciência, a vossa memória; então não deitem a perder isto. Amanhã, aqueles que tiverem interesses culturais, se nesses interesses couber uma obra que foi escrita em latim, não a leiam em tradução; pelo menos, leiam-na numa edição bilingue porque poderão verificar uma coisa: lemos a tradução de uma frase e vamos ao original e verificamos que essa frase, ao passarmos pelo original, ilumina-se de uma maneira totalmente diferente". Dizia-lhes isto, mas o que acontecia é que depois os meus conselhos não tinham seguimento. Mais. Temos que ser francos: a maioria dos professor

res (receio ser injusto, mas sem dúvida, uma maioria), ao meu nível, de ensino secundário, não lê latim assim com essa facilidade; a leitura é difícil e por vezes mesmo impossível, sem o suporte de uma tradução. Eu falo nisto porque muitas vezes pude verificar que certos professores, com uma certa ostentação, falavam do latim com uma aparente familiaridade como quem fala do francês, ou seja, como quem lê o latim com o mesmo grau de facilidade com que lê o francês. O que não é verdade. O latim é difícil. Há uma coisa que eu nunca experimentei na minha aprendizagem ou mesmo no meu ensino e que gostava de ter experimentado: aprender o latim ou fazer um curso de latim pelo método directo. Gostava de ter tentado. Não é que me iludisse muito com isso, porque eu conheci padres que andaram em Roma, na Universidade Gregoriana, que ouviam as lições em latim, que faziam os exercícios em latim e que comunicavam com os colegas em latim e que em face de um texto, como eu, não o liam melhor do que eu e tinham também as suas dificuldades. É claro que isso, até certo ponto, é justificável porque, enfim, todos nós em Portugal falamos português, mas poucos lemos o Fernando Pessoa. O latim que chegou até nós (mesmo um latim de Petrónio, quando é a imitação do latim popular) é um latim culto — o de um Cícero, de um Horácio, etc. Portanto, é um latim literário que já tem uma segunda dificuldade, pois que além de ser latim é o latim de autores, de artistas. Não podemos esquecer isso: todos nós falamos português, mas poucos lemos os sonetos de Camões. Em todo o caso, mesmo assim, eu gostaria de ter experimentado o método directo. Porque me pergunto em que medida é que isso não me ajudaria a impor o latim aos moços. Verificamos isto: o aluno anda no liceu a aprender francês, inglês, alemão, anos seguidos a estudar essas línguas; depois vai para a França, Inglaterra, Alemanha onde passa dois períodos de férias e vem de lá a falar francês, inglês, etc. Ora não sei se a aprendizagem segundo o método directo não facilitaria o estudo e a imposição da língua latina aos rapazes

e por outro lado não facilitaria a leitura, mesmo já com o segundo grau de dificuldade, dos autores clássicos.

- V.J. — *Tudo isso é extremamente importante e aponta para a necessidade da renovação dos métodos de ensino.*
- V.F. — Note que, à primeira vista, me parece que esse ensino com o método directo será largamente artificial. Todos nós conhecemos o caso de Montaigne, que não foi único, aliás. Montaigne aprendeu o latim como se fosse a língua materna. O pai pensou esta coisa lógica: num tempo em que um Leonardo Da Vinci se sentia complexado, não por não saber latim, como às vezes se diz, mas por saber pouco, nesse tempo em que era fundamental saber latim para se ser culto, num tempo como esse, porque é que se havia de sacrificar um filho ensinando-lhe o *rosa, rosae*, quando, se se pusesse a falar latim desde que começasse a falar (como diz o nosso povo, ao ano andar, aos dois falar) o rapaz aprenderia o latim como se fosse a sua língua materna? Evidentemente que isso parece ter dado a Montaigne uma grande base para entrar nos textos (e ele diz, salvo erro, que o latim que depois lhe ensinaram, é que, de certo modo, o levou a desaprender um pouco aquilo que tinha aprendido quando era menino); mas não sei como é que o pai de Montaigne fez isso — pôs-lhe lá um mestre alemão (já nesse tempo os alemães eram grandes latinistas) — e até que ponto isso não era um ensino artificial. Porque nós não conhecemos a língua latina falada, é óbvio. Imaginemos que Portugal desaparecia num cataclismo e que ficavam só *Os Lusíadas* ou obras assim: como é que um homem reconstituía a nossa língua? Parece-me um pouco artificial. De qualquer modo, tenho muita pena de não ter experimentado o método, até porque sei que em certos Congressos se usa o latim como meio de comunicação e eu próprio já o utilizei para tal com alguém que não sabia falar nenhuma língua das que eu sabia mas que conhecia um pouco de latim. Mas, é claro, que um latim um bocado esfarrapado. Eu

lembro-me de ter ficado muito surpreendido quando o Pe. Manuel Antunes me declarou na Alemanha que falava melhor latim que francês. Não sei que latim é esse; não sei como se constroi uma língua falada e que já não existe. Kant, como sabem, propôs um dia que as grandes obras se escrevessem em língua morta, pensando obviamente no latim. Isto é uma ideia absurda, visto que uma língua morta, se está morta, temos de a fazer viva, e injectar nela tudo aquilo que nós metemos na nossa linguagem de hoje. Portanto, se essa língua recupera essa força, essa vitalidade, automaticamente deixa de ser morta e começa a ser viva e sujeita a todas as contingências de língua viva que é o evoluir e morrer.

- V.J. — *Há uma experiência muito curiosa: é a do Asterix em latim.*
- V.F. — Sim, eu tenho ali a tradução latina do *Petit Prince* do Saint-Exupéry — Sanctus-Exuperius. Eu não domino o latim para o ir julgar, mas pressuponho que aquilo é um latim feito de bocadinhos tirados daqui e dacolá, deste texto ou daqueloutro, ou até só de um autor, para lhe imitar o estilo; de qualquer maneira é uma reconstrução artificial, suponho eu.
- V.J. — *O caso do Asterix é talvez mais interessante, enquanto apresenta um latim coloquial com um mínimo de humor e uma adaptação ou até uma actualização de vocábulos e conceitos...*
- V.F. — Devo dizer-lhe que no caso da obra de Saint-Exupéry, no príncipe, aquilo me parece excelente, embora não esteja em condições de julgar a qualidade daquele latim. Na verdade nós, a autores bem marcados, como seja um Eça, um Camilo, distinguimo-los à língua, embora escrevam ambos a mesma língua. Como é que se vai conseguir realmente uma tradução feita de dentro para fora, com uma maneira específica de es-

crever, um estilo, em suma, para dar uma obra que naturalmente não se pode confundir com uma outra qualquer, quer dizer meter sangue numa múmia? Acho isso um bocado difícil.

— V.J. — *Não há dúvida que a língua é sempre um veículo de cultura e o melhor instrumento para conhecer a respectiva cultura. Não lhe parece que poderia haver um maior interesse, sobretudo da juventude, pela cultura antiga, da Grécia e Roma? O conhecimento de certos factos históricos, políticos, económicos, sociais, não iria enriquecer (e retomando o que disse sobre enriquecimento pessoal) a própria juventude para uma melhor preparação do futuro?*

— V.F. — Sem dúvida. Há quem aponte para isso até como base para a reconstituição da Europa em crise... Eu não sou contra isso. A mim o problema que se me põe é de economia no seu sentido global, economia cultural, economia das finanças... É só esse o problema que eu me ponho. De resto, a afirmação de Sérgio (se é que é dele, pois como princípio acho-a tão absurda que receio estar a errar) de que a tradução nos bastaria é incrível. Porque nós perguntamos: esses tradutores onde é que se foram formar? Para haver um bom tradutor, alguém que domine bem uma língua, tem de haver muitos que a dominam sofrivelmente e outros que a dominam mal. Para haver uma selecção de futebol tem de haver milhares de jovens a dar pontapés na bola. É óbvio. Não podemos ir buscar um bom tradutor sem conceber a pirâmide que vai sustentar e pôr em relevo esse bom tradutor. Eu ponho o problema quando penso no nosso país. Em que medida é que nós podemos ter essa simpática e moderníssima ilusão de podermos manter os estudos clássicos fundamentalmente, insisto, no domínio da língua? É esse o problema; não é a matéria que vem nessas línguas.

Isso é absolutamente necessário. Mas em que medida podemos acalentar esse sonho simpatiquíssimo de manter as línguas clássicas como uma necessidade imediata cultural para

a comunidade dos homens? Não sei. Repare bem que eu não dou uma resposta: não sei. Lamento profundamente que amanhã se tenha de chegar à conclusão de que o latim e o grego devem ser afastados do ensino. Lamento e oxalá eu esteja em erro ao pôr sequer o problema.

— A.N. — *Põe, portanto, a questão de a cultura implicar custo demasiado excessivo para aquilo que nós temos. Coloquemos porém o problema em termos culturais.*

— V.F. — Um pormenor. Quando falo em custo, não me refiro especificamente nem muito menos exclusivamente a problemas de dinheiro. Não é isso; são problemas de tempo, de necessidades imediatas culturais. Por exemplo, no liceu não se ensina (uma coisa que eu defendi e pude defender com uma certa veemência) história da arte; não se ensina música, ensina-se a cantar o tiroliro e a cana-verde. Ora, num liceu devia-se aprender música no sentido de distinguir uma sinfonia de Bethoven de um fado do Marceneiro, etc.; perante um disco, o menino reconhece e percebe e sensibiliza-se com a audição. Isto nunca se fez. Eu pergunto: em que medida esta sensibilização para a arte, para a música, não pode ser considerada, em termos de tempo e tudo o mais, mas necessária do que a aprendizagem da língua latina? Esse é que é o problema para mim.

— A.N. — *Ponhamos o problema em termos culturais. Dado que a marca da cultura clássica existe na cultura portuguesa será possível um reconhecimento e uma análise desta sem a formação clássica? E nesse caso não valerá a pena investir, apesar do custo, económico, humano, para compreender a cultura portuguesa na sua globalidade?*

— V.F. — Essa compreensão remete para aquilo que há pouco disse e que era uma distinção que nós tínhamos de fazer entre o conteúdo da cultura clássica, isto é, as ideias e toda a pro-

blemática que as línguas clássicas veicularam até nós, e a aprendizagem concreta da língua. Porque isso é que é o grande tormento dos moços. Lembro-me, por exemplo, de nas aulas, fazer, de vez em quando, um derivativo. Lia-se, por exemplo, Lucrécio, o *De rerum natura*, nas aulas; liam-se trechos; e os rapazes gostavam imenso. O problema é um bocadinho diferente. O problema é o dispêndio de energia, de tempo e do mais com a aprendizagem da língua. — Eu falei no método directo; talvez isso viesse obviar a essa perda terrível de tempo e paciência, pois os moços impacientam-se com aquilo; para eles aquilo é uma chatice. Por mais que a gente doure a pílula, aquilo é desagradável. O problema tem a ver com isso. Não confundamos as duas coisas. Evidentemente que o contributo cultural veiculado pelas línguas clássicas não se põe de maneira nenhuma em causa. O grande problema é a aprendizagem da língua.

— A.N. — *Estã em questão o método. Estã-se a praticar hoje um método de associação entre a aprendizagem da língua com a cultura, dando uma vastidão maior a esta relativamente àquela, e por outro lado procura-se partir (pelo menos, nos primeiros momentos) não de textos elaborados, como são todos os textos literários, mas de textos adaptados, acessíveis, graduados na dificuldade, para garantir um maior rigor didáctico e fornecer uma aquisição equilibrada das estruturas da língua.*

— V.F. — Eu conheço isso um pouco. Foi coisa que já veio tarde. Tenho ali alguns métodos franceses (obviamente, portanto, estrangeiros...). Tive conhecimento desse método em que havia essa junção, essa sobreposição daquilo que respeitava à aprendizagem da língua àquilo que importava para a história, para a cultura, etc. Mas a língua em si continua como problema. Porque o resto integra-se naquilo que eu comecei por defender, que é o conhecimento dos valores clássicos, os valores que as línguas clássicas trouxeram até nós. Mas a língua continua como problema. Porque não são esses textos sobrepostos

que nos vão facilitar o domínio da língua. Vão é adoçar a coisa: o aluno deixou de conjugar o *amo*, o *laudo* e o verbo *sum*, etc. e passou a saber como viviam os romanos. É certo que tudo isto é muito agradável, mas isto trouxe-lhe apenas uma espécie de compensação. A língua em si continua como problema.

Se nós pretendemos, embora a um nível médio, que o aluno leia um textozinho relativamente fácil (eu, até certo ponto, o consegui; várias vezes houve alunos que se entusiasmaram com o latim), se é isso que pretendemos, temos que resolver o problema da aprendizagem da língua, e é isso que é fundamental. O modo como eu o aprendi e como tive de o ensinar é mau, é assustante, é chato, é penoso, é demorado. Não sei o que se consegue com os outros métodos; só me lembro do método directo porque é aquele que eu vejo funcionar eficientemente nas outras línguas. Simplesmente o método directo nas outras línguas naturalmente está extremamente facilitado pelo facto de elas serem línguas vivas e, por consequência, sabermos sempre como corrigir uma expressão. Porque tal expressão pode estar certa gramaticalmente, mas pode não estar certa no seu uso. No latim, como é que isso é possível? Eu gostava de ter experimentado e de ser elucidado.

— A.N. — *Como interpretar certos factos hoje verificáveis na Europa, nomeadamente, na França, na Espanha, na Inglaterra, de novo interesse pelo estudo das línguas clássicas, até na criação de novos métodos de ensino, interesse esse sublinhado ainda há bem pouco tempo pelo Le Monde-Education, em três artigos que nós mesmos inserimos no último número de Classica? Es-taremos perante fenómenos, de alguma maneira, cíclicos na cultura ocidental em que os períodos de Renascimento cultural vão entroncar na redescoberta da cultura clássica?*

— V.F. — Eu não sei até que ponto e sobretudo com que finalidade há esse retorno a um interesse pelas coisas clássicas. Retorno, no interesse pela matéria, cabedal de ideias, problemas, etc. canalizados pelas línguas clássicas, esse retorno talvez nem

exista porque esse interesse nunca morreu. Retorno ao interesse pela língua, um interesse mais imediato? Não sei. Agora há uma coisa que eu gostaria de frisar: os problemas de retorno põem-me sempre de sobreaviso. Quando há um retorno seja no que for, é isso um sinal de crise. E eu não posso esquecer-me (isto é uma obsessão em mim, mas ainda não vi processo de a pôr de parte) que nós estamos num período em que assistimos não já à liquidação de um surto cultural, mas de dois mil anos de cultura e civilização. Para mim isso é absolutamente assente. Estamos, paralelamente, no início de uma nova era totalmente diferente em relação às que passaram, porque o que é posto em causa são valores muito fundamentais e não apenas valores parcelares. Estamos no início de uma época extremamente nova, diferente, em que inclusivamente não sei como o homem vai ajeitar-se, visto que, pela primeira vez, que eu saiba, se pôs em causa a própria arte e se pergunta para que é que ela serve. Até agora perguntava-se: para que é que serve a arte realizada *assim*? E respondia-se: não a realizemos assim, com esta temática, com estas motivações, mas *assado*. Agora, não; pergunta-se para que é que serve a própria arte. Quando se faz uma pergunta dessas, a coisa é extremamente grave. Lembremos aquela frase dos jovens de Maio de 68: a arte está morta; não consumamos o seu cadáver. Isto é grave. A arte continua a ser para mim, e de certo para muita gente, o grande sintoma, o grande sismógrafo das convulsões humanas.

O retorno, mesmo em *termos* culturais, sabemos como isso acontece muitas vezes. O retorno ao classicismo do século XVIII é, no fim de contas, uma recapitulação artificial do classicismo. Artificiosa e presunçosa. Porque o caso de um Agostinho de Macedo quando pensou fazer *Os Lusíadas* sem os erros que ele julgava Camões ter cometido não é exemplo único. Há mais: o Quita a fazer uma nova *Castro* à sua maneira, corrigindo, inclusivamente, pondo D. Pedro e D. Inês em cena, coisa que António Ferreira não fizera e ele julgava ser uma *asneira*, constitui apenas mais um exemplo.

O problema do retorno, para mim, longe de ter uma significação positiva tem genericamente uma significação negativa. O que não quer portanto dizer que seja sempre assim. Vejamos mesmo o problema religioso. Toda a inflação metafísica do nosso tempo é um sintoma de que o eixo ordenador da vida que sempre foi Deus agora está de facto mal... Como a prescrutação metafísica, como a prescrutação dos porquês, de significação em relação a tudo não pode abandonar o homem e como agora não temos sucedâneos para responder a isso desde a ciência até à própria política (porque no fim de contas o comunismo o que é senão uma recuperação de uma religião que não existe?), o reacender de um interesse metafísico é um sintoma, para mim, de que estamos numa reorganização da vida humana, mas não, de modo algum, de uma recuperação de Deus. O retorno aos estudos clássicos não sei bem onde inseri-lo, mas é possível que se insira mais ou menos nisso. Veja que na própria arte se chegou ao extremo de se fazer romances com detritos de romance, como lhes posso mostrar com o livro de Maurice Roche.

Volta-se hoje a falar num certo classicismo, numa certa ordenação e inteligibilidade para a arte, etc.; no fim de contas é uma forma de afirmar, de outra maneira, essa mesma crise.

— H.G. — *Como relaciona essa possibilidade da anulação de um ensino concreto da língua por esses motivos de economia humana, etc., com a sua condenação da frase do Sérgio que pretendia uma cultura clássica através de traduções?*

— V.F. — Você terá esquecido talvez, ou subestimado, a minha observação inicial, a de que se eu não tivesse aprendido latim e grego, eu me sentiria fortemente mutilado. Eu não estou a raciocinar em termos pessoais; eu estou a raciocinar em termos gerais, ao nível do país inteiro. Eu podia amar até à morte o latim e o grego; mas se fosse o responsável de um programa cultural para o meu país, eu podia chegar à conclusão de ter de eliminar ou, pelo menos, reduzir muito o latim e o grego.

São coisas totalmente diferentes. Eu não tenho que conciliar; eu estou apenas a pôr um problema, para tentar explicar um pouco, ou compreender o ponto de vista daqueles que estão sacrificando o latim. Porque é uma coisa evidente: o latim; no liceu, praticamente já não existe. Alguma razão deve haver. Eu penso que as razões dos que o sacrificam serão estas: é que têm de fazer uma opção entre uma matéria cultural que julguem mais importante, e portanto possam aproveitar economicamente em alguns domínios, se o latim, que terão de sacrificar por constituir, de um modo geral, um esbanjamento. Naturalmente, num país rico e populoso, com outras possibilidades, eu não ponho este problema. Em relação à Alemanha, à França... Toda a gente sabe que há realizações científicas de outros países incomportáveis para nós. Mas quanto ao latim: a frase de Sérgio considero-a absurda como princípio, como justificação da eliminação do latim. Não sou responsável por uma programação cultural. Mais desprevenidamente, portanto, sobcaução, não vejo ainda que o latim deva ser sacrificado a outras matérias. Em todo o caso, a rigor, isto é-me um problema.

— V.J. — *Em termos de tempo, põe-se igualmente...*

— V.F. — Sim; mas simplesmente aí, uma opção de um núcleo forte de população pelos estudos clássicos tem de ser tido em conta. Aqui não temos grandes núcleos. Quando me dizem que há 40 alunos num primeiro ano de Faculdade para Estudos Clássicos há que procurar uma explicação. Mas o problema não se põe nos mesmos termos. De resto, o que dizemos relativamente ao latim, suponho que podemos dizê-lo a respeito de outras disciplinas. Com certeza, também doutras disciplinas, como, por exemplo, as matemáticas. Fizemos uma experiência com as matemáticas modernas; é possível que lá fora coexistam as matemáticas modernas e as matemáticas clássicas, que na física se possibilite uma diversificação logo no nível secundário, não sei. Nós temos de ir para uma solução de compromisso. Temos aqui possibilidades de dispêndio de tempo, etc., temos o va-

lor X; como é que eu vou aproveitar esse valor X, em relação aos valores culturais que eu tenho para lá meter? Tenho de sacrificar aqui para aproveitar este, etc.? Eu não sei; de resto, eu não tirei qualquer conclusão, eu pus apenas a pergunta. Ponho-me apenas esse problema.

- A.N. — *Põe-se-nos, de facto, esse problema até em razão dos currículos que voltaram a incluir o latim para as Línguas e Literaturas Modernas da área românica. Adoptaram-se novos métodos, até por exigência da falta de preparação dos alunos para seguirem os programas tradicionais. Está-se a tentar conduzir os alunos não só para conhecimento da língua (que será sempre necessária, mas partindo agora de pressupostos diferentes daqueles que havia anteriormente), mas também para o conhecimento de uma cultura que pode ser enriquecida através da língua. Em dois anos, vai-se, talvez, dar muito menos matéria (em termos de equivalência ao esquema anterior), mas talvez o aluno saia mais rico em termos culturais e incentivado, com conhecimentos de língua, para poder apreciar textos clássicos.*
- V.F. — Como complemento, devo adiantar que quando foi a Revolução em 1974 fui intimado ou convidado (intimação que eu aceitei até por dever cívico) a esboçar um programa de latim. Tal programa não veio assinado, mas é meu; com as asneiras que tiver, é meu. Uma das coisas que tive o cuidado de incluir, inclusive à mã cara, foi um programa cultural paralelo à aprendizagem da língua. Os professores começaram logo a protestar, porque não havia tempo, porque para os alunos saberem o *rosa, rosae*, "sabe Deus o que temos de suar", quanto mais meter-lhes ainda os textos, etc. Mais. Eu propunha esta coisa que, suponho, é de organização relativamente fácil: uma selecta de textos altamente significativos em qualquer domínio, mas com o texto latino ao lado. Não se deve ter medo do "burro". O aluno tinha de conhecer a matéria cultural que lhe vinha na tradução, mas ia lançando um olho (e o professor ia isso

convidaria) para a maneira como isso se dizia em latim; ia enriquecendo o seu cabedal de cultura e ao mesmo tempo ia aperfeiçoando a língua. Isto era de organização relativamente fácil. Eu isso defendo. Nunca se fez, mas doia-me sempre que um moço passasse ali aqueles anos, a marrar naquelas regras de sintaxe e essas coisas todas e não tivesse possibilidade de acrescentar o seu cabedal de cultura, até porque as selectas que se usavam normalmente não tinham grande interesse e sobretudo vinham em latim, o que desencorajava o moço. Se tivesse a tradução disso, naturalmente lia aquilo com prazer, conversávamos sobre isso e depois íamos ver como é que se dizia aquilo em latim.

— A.N. — *Se me permite, uma interpelação ao escritor Vergílio Ferreira, conhecedor de latim e conhecedor dos autores clássicos. Como sabe, as nossas traduções de autores clássicos, normalmente são más. Mesmo quando feitas por grandes filólogos, embora possam ter um grande rigor gramatical e lexical, não apresentam a comunicabilidade necessária. Eu pergunto se o escritor Vergílio Ferreira não poderia entrar também nesse domínio e trabalhar esses textos clássicos para hoje.*

— V.F. — Em primeiro lugar, eu já teria exemplos ilustres. Como sabem, Valery fez, a pedido já não sei de quem, a tradução, salvo erro, de Vergílio. A tradução é um problema extremamente grave. Mesmo daquelas línguas que nós consideramos dominar, há giros de frase, maneiras de dizer, expressões, que nós sabemos perfeitamente o que querem dizer, mas que são inconvertíveis para português porque ficam disparatadas. O disparate está lá, mas esse disparate, num contexto por exemplo francês, funciona perfeitamente; posto do lado de cá, traduzido rigorosamente, com a vitalidade que quisermos, fica uma asneira. Isto pode levar a dois caminhos maus: um, é o que há pouco disse — tradução rigorosa, mas desvitalizada, sem alma, sem vida, sem sangue; outro, é a tradução libérrima. Ainda há pouco estive a reler Propércio e o Tibulo. E vi

que o tradutor metia ali uma tradução que não correspondia ao latim. Difícil é manter a linha do texto original e revitalizá-lo em português. Agora que já estou um pouco aposentado para trabalhos hercúleos não vejo, de imediato, uma possibilidade. Aliás, eu gosto desse exercício agradabilíssimo da tradução, porque implica não só um domínio, um controle extremamente forte, rigoroso, da língua alheia como da nossa própria língua. Ele é rigorosamente um acto criativo, mas condicionado inflexivelmente pelas exigências da língua a traduzir.

Há um outro perigo, e esse é praticamente inevitável: nós traduzimos; e, sobretudo quando se tem já uma maneira de escrever, sem querer, fazemos que o autor original fale a nossa língua, ou seja o nosso modo de a utilizar. Será como Camilo a traduzir Chateaubriand, ou o Pe. Alves Correia a traduzir Homero (aliás, por interposto Aquilino...), etc. Eu mesmo escrevi um livro sobre Malraux; e depois traduzi uns textos dele, para uma selecta a acompanhar. Dizia-me alguém: "Você imita muito o Malraux; afinal aquilo é a sua maneira de escrever". Eu tive que lhe dizer: "Aqui há trechos que já foram também traduzidos por outro; vá ver como é que ele traduziu e depois leia a minha tradução. É um pouco diferente. Não fui eu que imitei o Malraux: fi-lo foi parecer-se comigo". Isto é mau, mas é quase inevitável.

— A.N. — *Uma última questão. Albert Camus terá dito mais ou menos isto: que se sentia um pagão em ambiente cristão. Diria isto num período dos anos 50, numa referência a um certo ar de "cristandade"... Para os nossos dias, teria qualquer validade esta expressão de Camus, ou, pelo contrário, toda a nossa experiência de dois mil anos de cristianismo não tem de ser revista em função da própria cultura clássica que lhe está subjacente?...*

— V.F. — Rever é um pouco difícil.

Compreendo essa frase e acho que é plenamente válida não

apenas para um Camus, mas para muitos de nós, pelo menos; por que esse paganismo de que ele fala tem a ver naturalmente com o seu entusiasmo e interesse pelos valores luminosos da Argélia, valores que estão muito próximos dessa alegria pagã. Mas há uma coisa que ele não pode evitar; ele não pode inves tir-se desse paganismo, é um homem que está forçosamente im-
pregnado pelas verdades do cristianismo. É conhecida a céle-
bre frase de Valéry, a definição de europeu: — é um homem
que tem uma tríplice raiz: vem da Grécia, Roma e Cristianis-
mo: a Grécia deu-lhe a arte, as letras e a ciência; Roma deu
-lhe a concepção política dos Estados e o Cristianismo deu -
-lhe a moral. E isto não acabou. Portanto sentir-se integral-
mente pagão é impossível. Seria, pois, um pagão, mas forte-
mente impregnado por uma tradição cristã que ele não podia
abolir. Seriam os dois elementos que tentariam ajustar-se.
Foi, aliás, o que aconteceu com o Renascimento.